

QUADRO FARADAY

O meu bilhete de identidade diz que sou feito de folhas muito finas de uma pasta silicoargilosa, que os especialistas de petrologia designam por *ardósia*. Tenho no ADN uma raiz metamórfica, que no meu caso, contrariamente ao do meu familiar *mármore*, ocorre em zonas menos profundas da crosta terrestre e em processos de recristalização mais lentos, que me fazem adquirir uma tonalidade acinzentada.

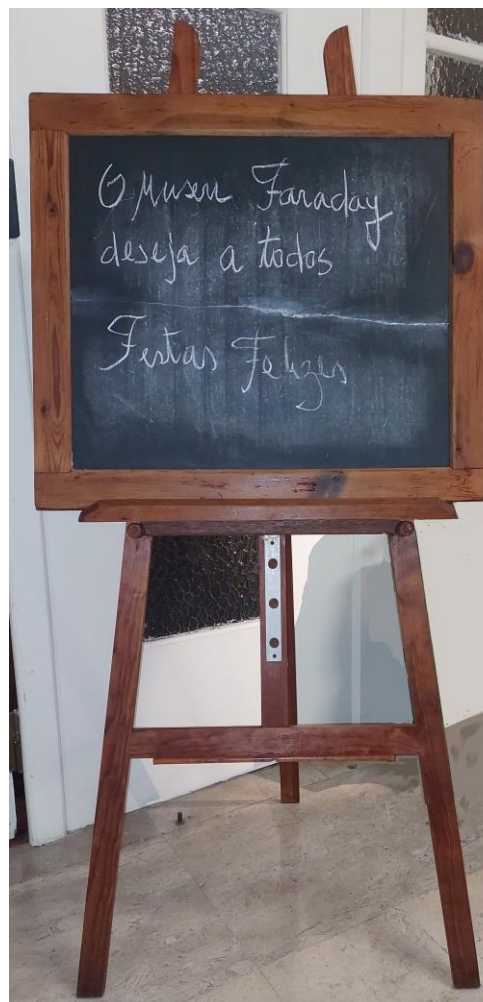
Não sou, portanto, tão deslumbrante como o mármore pode ser, ou tão duro como o granito é. Mas, em contrapartida, sou bem mais fácil de ser trabalhado. A minha leveza e plasticidade tornaram-me mais procurado para obras de arte escultóricas. E a possibilidade de ser foliado também jogou a meu favor. E foram a leveza e o baixo custo que me abriram as portas ao Ensino. Os *quadros negros* rapidamente se tornaram sinónimo de docência, revolucionando as técnicas de veicular conhecimentos.

Mas maus tempos se avizinharam a seguir, tendo surgido um período de ostracismo na minha vida. Mantive-me estoicamente na retaguarda, sempre acompanhado de giz branco, que se associava a alergias e à sujidade que o seu uso provocava. Foram esquecidas as minhas qualidades e, rapidamente, fui substituído por versões “mais em conformidade” com os tempos modernos, como os quadros de madeira escura ou, a partir dos anos 60 do século passado, pelos quadros brancos de fórmica, de aço pintado, de vidro magnético ou de porcelana.

Isto tudo, apesar de há quase 100 anos, dez anos após ter sido galardoado pelo Nobel da Física, Einstein ter usado um quadro negro na segunda de três palestras proferidas em 16 de maio de 1931, na [Universidade de Oxford em Inglaterra](#), onde se deslocou para receber o título de *Doutor em Ciência*.

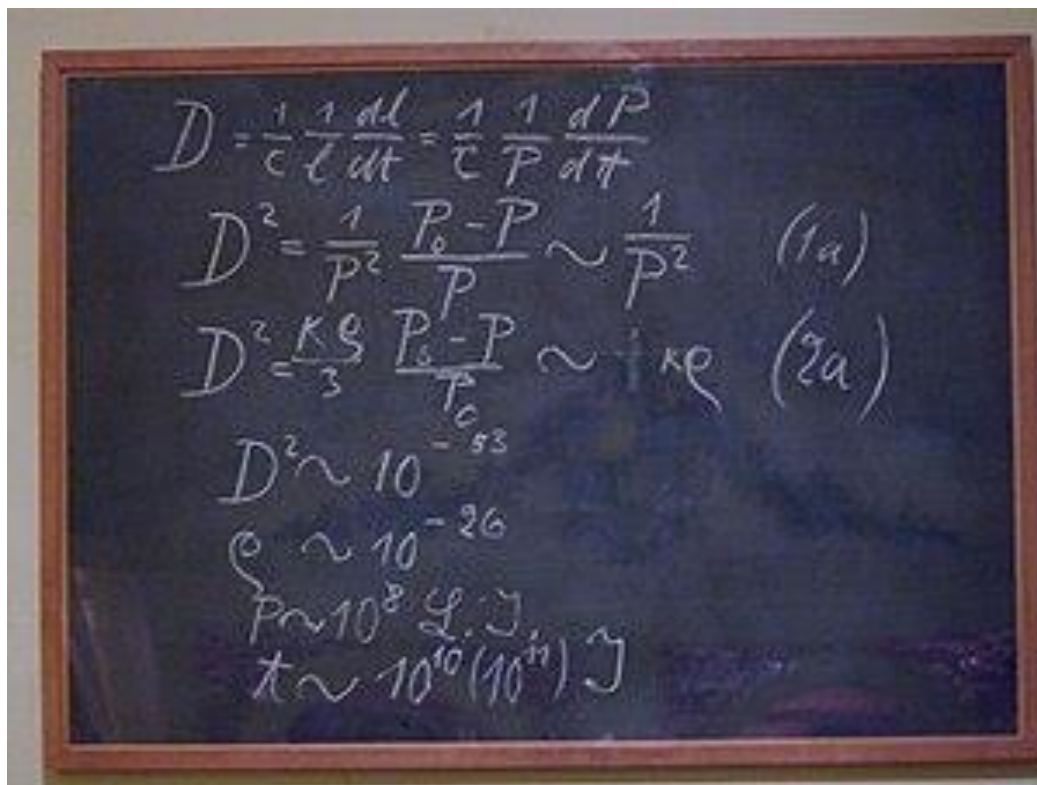
Não são muitos materiais que podem pôr no seu CV uma informação relevante destas! Ficar emoldurado para assinalar um facto com um cientista que ao longo da sua vida criou pontes entre vários países que estavam politicamente em lados opostos. Afinal de contas, Einstein era suíço, alemão ou um cidadão dos EUA?

A moldura com o meu “retrato” e os “desenhos” manuscritos por Einstein podem ser hoje vistos no Museu da História da Ciência de Oxford. Afinal, neste quadro, estão as equações do



Quadro Básico a postos para a Escultura Quadro

modelo cosmológico do universo, que hoje é conhecido como o universo "Friedmann–Einstein".



https://en.wikipedia.org/wiki/Einstein%27s_Blackboard

Natural, portanto, que esteja hoje presente num museu científico do IST a dar as boas vindas aos visitantes. Museu que leva o nome de um grande pedagogo, que há cerca de 200 anos brilhava em palestras em Londres. Como químico, Faraday preferiu brilhar à luz de uma vela, apesar de o fazer na capital do Império onde o sol nunca se punha.

Hoje, sem disfarces, e por uma cortesia do Professor Manuel Francisco Costa Pereira do IST, reapareço orgulhosamente como ardósia no Museu Faraday, num arranjo escultórico que envolve a madeira, as tintas plásticas, o acrílico, os paus de giz multicolores, a dar as boas vindas aos visitantes do Museu. Como marca dos tempos, é visível uma racha que me divide o corpo em dois, que propositadamente não disfarço. Tal como no passado em Oxford, é um sinal que guardo como símbolo das divergências científicas e da sociedade ... esperando que no final se unam para o bem de todos. Não é, pois, um defeito, mas é, sim, uma qualidade.

E mesmo, mesmo ao lado, uma vela de cera ilumina as palavras que ainda transporto na pele de ardósia de antigamente:

Tenho que aprender, numa próxima lição, a cingir-me ao que é essencial e não usar tanto do vosso tempo com divagações como as de hoje"